

A CANTIGA DOS PÁSSAROS E DAS SERPENTES



ROCCO

UMA HISTÓRIA DA SÉRIE JOGOS VORAZES

SUZANNE COLLINS



The background features a large, stylized magnifying glass graphic in shades of gray. The lens is composed of several concentric circles, and the handle extends from the bottom left towards the center. The author's name is centered within the innermost circle of the lens.

**SUZANNE
COLLINS**

**A CANTIGA DOS
PÁSSAROS E
DAS SERPENTES**

Tradução
Regiane Winarski

ROCCO



<https://t.me/SBDLivros>

Título original

Hunger Games

THE BALLAD OF SONGBIRDS AND SNAKES

Copyright © 2020 by Suzanne Collins Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

A editora não tem nenhum controle, e não assume qualquer responsabilidade, pela autora ou por website de terceiros ou seu conteúdo.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar Passeio Corporate – Torre 1

20031-040 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br Preparação de originais

PAULA DRUMMOND

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais vivas ou não, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou localidades é mera coincidência.

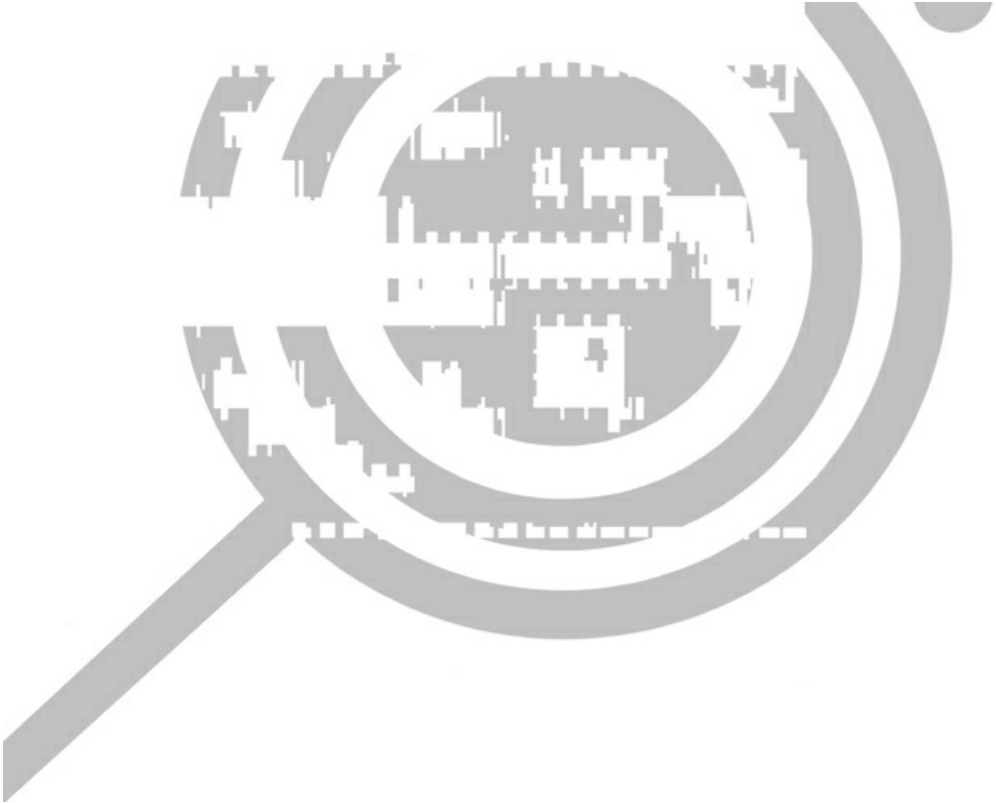
Coordenação digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub

ANNA EMÍLIA SOARES

Edição digital: junho, 2020.



Para Norton e Jeanne Juster



SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

PARTE I

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10

PARTE II

- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20

PARTE III

- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Epílogo

Agradecimientos

Créditos

A Autora

“Assim fica evidente que durante o tempo em que os homens vivem sem um Poder comum que os subjuguem, eles ficam em uma condição chamada guerra; e é uma guerra de todos os homens contra todos os outros homens.”

– Thomas Hobbes, *Leviatã*, 1651

“O estado da natureza tem uma lei da natureza para governá-lo, que a todos obriga: e a razão, que é essa lei, ensina toda a humanidade, que apenas a consulta, que, sendo todos iguais e independentes, ninguém deve prejudicar o outro na vida, saúde, liberdade ou bens...”

– John Locke, *Segundo tratado sobre o governo*, 1689

“O homem nasce livre; e por toda parte está acorrentado.”

– Jean-Jacques Rousseau, *O contrato social*, 1762

*“Doce é o saber que a natureza oferece;
Nosso intelecto intrometido
Deforma a forma bela das coisas;
– Para dissecar, assassinamos.”*

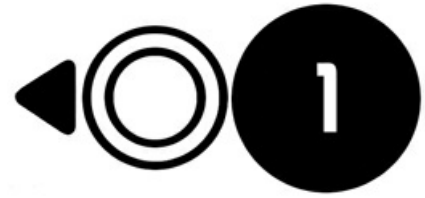
– William Wordsworth, “The Tables Turned”, *Lyrical Ballads*, 1798

“Pensei na promessa de virtudes que ele exibiu no começo de sua existência e no desaparecimento subsequente de todos os sentimentos gentis pelo asco e pelo escárnio que seus protetores manifestaram por ele.”

– Mary Shelley, *Frankenstein*, 1818



PARTE I
“O MENTOR”



Coriolanus jogou o punhado de repolho na panela de água fervente e jurou que um dia não poria mais aquilo na boca. Mas o dia ainda não era aquele. Ele precisava comer uma tigela grande do alimento pálido e tomar cada gota do caldo para evitar que seu estômago roncasse durante a cerimônia da colheita. Era um item de uma longa lista de precauções que ele tomava para esconder o fato de que sua família, apesar de residir na cobertura do prédio mais opulento da Capital, era tão pobre quanto a escória dos distritos. Que aos dezoito anos, o herdeiro da outrora grandiosa casa Snow não tinha nada além da própria perspicácia para ajudá-lo a viver.

Sua camisa para a colheita o estava preocupando. Ele tinha uma calça social escura aceitável, comprada no mercado clandestino no ano anterior, mas era para a camisa que as pessoas olhavam. Felizmente, a Academia oferecia os uniformes exigidos para uso diário. Mas, para a cerimônia daquele dia, os alunos foram instruídos a se vestirem bem, com a solenidade que a ocasião exigia. Tigris pedira que ele confiasse nela, e ele confiava. Só o talento da prima com a agulha o salvara até ali. Mesmo assim, ele não podia esperar milagres.

A camisa que eles tiraram do fundo do armário, do seu pai, de dias melhores, estava manchada e amarelada pelo tempo, sem metade dos botões e marcada de cigarro em um punho. Danificada demais para ser vendida até nas piores circunstâncias da família, e aquela seria sua camisa da colheita? Naquela manhã, ele fora ao quarto dela ao amanhecer, mas descobriu que a prima e a camisa tinham sumido. Não era um bom sinal. Tigris teria desistido daquela coisa velha e encarado o mercado clandestino em um esforço final e desesperado para encontrar uma roupa adequada? E o que ela teria para a troca? Só uma coisa, ela mesma, e a casa Snow ainda não tinha se rebaixado tanto. Ou estaria se rebaixando agora, enquanto ele salgava o repolho?

Ele pensou nas pessoas botando um preço nela. Com o nariz longo e pontudo e o corpo magrelo, Tigris não era nenhuma grande beleza, mas tinha uma doçura, uma vulnerabilidade que pareciam convidar abuso. Ela encontraria alguém que a quisesse se decidisse assim. A ideia o deixou enjoado, impotente e, conseqüentemente, repugnado com ele mesmo.

No meio do apartamento, ele ouviu a gravação do hino da Capital, “Pérola de Panem”, começar. A voz trêmula em soprano da avó cantou junto e ecoou pelas paredes:

*Pérola de Panem
Cidade majestosa,
Com o passar dos anos, você brilha mais.*

Como sempre, ela cantou de modo dolorosamente desafinado e com um pouco de atraso. No primeiro ano da guerra, ela tocara a gravação nos feriados nacionais para um Coriolanus de cinco anos e uma Tigris de oito, com o objetivo de desenvolver o senso de patriotismo deles. O recital diário só começou naquele dia sombrio em que os rebeldes de distrito cercaram a Capital, interrompendo o fornecimento de suprimentos pelos dois anos seguintes de guerra. “Lembrem-se, crianças”, dissera ela, “estamos apenas sob cerco... não nos rendemos!” Em seguida, ela cantava o hino pela janela da cobertura enquanto as bombas caíam. Seu pequeno ato de desafio.

*Ajoelhamo-nos com humildade
Perante seu ideal,*

E as notas que ela nunca conseguia cantar...

E declaramos nosso amor a você!

Coriolanus fez uma leve careta. Já fazia uma década que os rebeldes estavam quietos, mas sua avó não ficava. Ainda faltavam duas estrofes.

*Pérola de Panem,
Coração da justiça,
A sabedoria coroa sua testa de mármore.*

Ele se perguntou se mais móveis absorveriam parte do som, mas a questão era hipotética. No momento, o apartamento de cobertura era um microcosmo da Capital em si, exibindo as cicatrizes dos implacáveis ataques rebeldes. As paredes do pé direito de seis metros estavam cheias de rachaduras, o teto moldado, cravejado de buracos por causa de pedaços de gesso que caíram, e faixas pretas feias de fita isolante seguravam o vidro quebrado das janelas em arco que davam vista para a cidade. Durante a guerra e a década que se seguiu, a família fora obrigada a vender ou trocar muitos dos bens que tinha, alguns aposentos estavam completamente vazios e trancados, e os outros com mobília esparsa. Pior ainda, durante o frio rigoroso do inverno, no final do cerco, várias peças elegantes e entalhadas de madeira e inúmeros volumes de livros foram sacrificados na lareira para impedir que a família morresse congelada. Ver as páginas coloridas dos livros infantis, os mesmos que ele lia com a mãe, serem reduzidos a cinzas sempre o deixava em lágrimas. Mas era melhor ficar triste do que estar morto.

Como já tinha ido a apartamentos de amigos, Coriolanus sabia que a maioria das famílias já começara a fazer reparos nos aposentos, mas os Snow não tinham dinheiro nem para alguns metros de linho para uma camisa nova. Ele pensou nos colegas de escola remexendo os armários ou vestindo ternos novos sob medida e se perguntou por quanto tempo conseguiria manter as aparências.

*Você nos dá luz.
Você reúne.*

A você fazemos nossa jura.

Se a camisa reformada por Tigris fosse impossível de usar, o que ele faria? Fingiria estar gripado e avisaria que não podia comparecer? *Covardia*. Comparecer com a camisa do uniforme? *Desrespeito*. Espremer-se na camisa vermelha de botão que tinha ficado pequena dois anos antes? *Péssimo*. A opção aceitável? *Nenhuma das anteriores*.

Talvez Tigris tivesse ido pedir ajuda de sua empregadora, Fabricia Whatnot, uma mulher tão ridícula quanto seu nome, mas com certo talento para moda reciclada. Fosse a tendência penas ou couro, plástico ou plush, ela encontrava uma forma de incorporá-la por um custo razoável. Como não era muito boa aluna, Tigris desistiu da Universidade depois que se formou na Academia e foi atrás do seu sonho de se tornar estilista. Supostamente, ela era aprendiz, mas Fabricia a usava mais como escrava e exigia que ela fizesse massagens em seus pés e limpasse os bolos de cabelo magenta dos ralos. Mas Tigris nunca reclamava e não aceitava críticas da chefe de tão satisfeita e grata que tinha ficado por ter um lugar no mundo da moda.

*Pérola de Panem,
Base do poder,
Força na paz, escudo na luta.*

Coriolanus abriu a geladeira torcendo para encontrar algo que pudesse dar uma melhorada na sopa de repolho. A única ocupante era uma panela de metal. Quando ele tirou a tampa, deu de cara com uma papa gelada de batatas raladas. Teria sua avó finalmente cumprido a ameaça de aprender a cozinhar? Aquilo era comestível? Ele colocou a tampa no lugar até ter mais informações. Que luxo seria poder jogar aquilo no lixo sem pensar duas vezes. Que luxo seria produzir lixo. Ele se lembrava, ou achava que lembrava, de ser bem pequeno e ver os caminhões de lixo operados por Avoxes – trabalhadores sem língua eram os melhores funcionários, sua avó dizia – roncando pela rua, esvaziando sacos grandes de comida jogada fora, recipientes e itens de casa usados. Depois veio a época em que nada era descartável, nenhuma caloria era indesejada, e nada era impossível de ser trocado ou queimado para se obter calor ou ser preso na parede para fornecer isolamento térmico. Todos aprenderam a desprezar o lixo. Mas estava voltando à moda. Um sinal de prosperidade, como uma camisa decente.

*Proteja nossa terra
Com sua mão armada,*

A camisa. A camisa. Sua mente conseguia se fixar em um problema como aquele, ou qualquer outro, sem esquecer. Como se controlar um dos elementos de seu mundo fosse impedi-lo de desmorar. Era um mau hábito que o cegava para outras coisas que podiam lhe fazer mal. Havia uma tendência à obsessão como parte essencial do seu cérebro que acabaria sendo sua ruína se ele não aprendesse a superá-la.

A voz de sua avó saiu esganiçada no crescendo final:

Nossa Capital, nossa vida!

Velha maluca, ainda se agarrando aos dias pré-guerra. Ele a amava, mas ela perdeu o contato com a realidade anos antes. Em todas as refeições, ela ficava tagarelando sobre a lendária grandeza dos Snow, mesmo quando a refeição era composta de sopa aguada de feijão e biscoitos velhos. E quem a ouvia falar achava que era certo que o futuro dele seria glorioso. “Quando Coriolanus for presidente...”, ela costumava dizer. “Quando Coriolanus for presidente...”, tudo, desde a força aérea precária até o preço exorbitante das costelas de porco, seria magicamente corrigido. Ainda bem que o elevador quebrado e os joelhos com artrite a impediam de sair muito, e seus visitantes infrequentes eram tão fossilizados quanto ela.

O repolho começou a ferver e encheu a cozinha com o cheiro de pobreza. Coriolanus mexeu no vegetal com uma colher de pau. Nada de Tigris ainda. Em pouco tempo seria tarde para ligar e inventar uma desculpa. Todos estariam reunidos no Heavensbee Hall, da Academia. Haveria raiva e decepção da professora de comunicação, Satyria Click, que tinha feito campanha para ele receber uma das vinte e quatro desejadas mentorias dos Jogos Vorazes. Além de ser o favorito de Satyria, ele era monitor dela e sem dúvida ela precisaria dele para alguma coisa hoje. Ela podia ser imprevisível, principalmente quando bebia, e isso era coisa certa no dia da colheita. Era melhor ele ligar e avisar, dizer que não conseguia parar de vomitar ou algo assim, mas que se esforçaria para se recuperar. Ele se preparou e pegou o telefone para alegar que estava mal quando outro pensamento passou pela cabeça dele: se ele não aparecesse, ela permitira que fosse substituído como mentor? E, se ela permitisse, isso enfraqueceria sua chance de ganhar um dos prêmios da Academia oferecidos na formatura? Sem esse prêmio, ele não tinha como pagar a Universidade, o que significaria que não teria carreira, o que significaria que não teria futuro, não ele, e quem sabe o que aconteceria com a família, e...

A porta da frente, torta e barulhenta, se abriu.

– Coryo! – gritou Tigris, e ele botou o telefone no lugar. O apelido que ela deu para ele quando era recém-nascido tinha pegado. Ele saiu voando da cozinha, quase a derrubou, mas ela estava animada demais para reprová-lo. – Eu consegui! Consegui! Bom, consegui uma coisa. – Seus pés deram uma corridinha rápida no mesmo lugar quando ela ergueu um cabide coberto por uma velha capa de proteção de roupas. – Olha, olha, olha!

Coriolanus abriu o zíper e tirou a capa de cima de uma camisa.

Era linda. Não, melhor ainda, era classuda. O linho grosso não era nem o branco original e nem estava amarelado com o tempo, mas de um tom creme delicioso. Os punhos e a gola tinham sido substituídos por veludo preto e os botões eram cubos dourados e preto-ébano. Têsseras. Cada uma tinha dois buraquinhos para a linha passar.

– Você é incrível – disse ele com sinceridade. – E a melhor prima do mundo. – Tomando o cuidado de segurar a camisa com segurança, ele a abraçou com o braço livre. – Snow cai como a neve, sempre por cima de tudo!

– Snow cai como a neve, sempre por cima de tudo! – repetiu Tigris. Foi a frase que os fez aguentar a guerra, quando era uma luta constante não ir parar debaixo da terra.

– Me conta tudo – disse ele, sabendo que ela ia querer contar. Ela amava falar sobre roupas.

Tigris levantou as mãos e deu uma risada baixa.

– Por onde começar?

Ela começou com a água sanitária. Tigris tinha sugerido que as cortinas brancas do quarto de Fabricia estavam meio sujas e, ao botá-las de molho com água sanitária, colocou a camisa junto. O resultado foi lindo, mas nem uma eternidade na água sanitária conseguiria tirar completamente as manchas. Assim, ela ferveu a camisa com calêndulas secas que encontrou na lixeira do lado de fora da casa do vizinho de Fabricia, e as flores tingiram o linho o suficiente para esconder as manchas. O veludo dos punhos era de uma bolsa grande que guardava uma placa agora insignificante do avô deles. As tésseras ela tirou do interior de um armário no banheiro da empregada. Ela pediu ao zelador do prédio para fazer os buracos em troca de consertar o macacão dele.

– Foi hoje de manhã? – perguntou ele.

– Ah, não, ontem. Domingo. Hoje de manhã eu... Você encontrou minhas batatas? – Ele a seguiu até a cozinha, onde ela abriu a geladeira e tirou a panela. – Fiquei acordada até de madrugada pra tirar o amido para engomar a camisa. Aí, corri até a casa dos Dolittle para usar um ferro decente. Guardei isto pra sopa! – Tigris virou a maçaroca no repolho que estava fervendo e mexeu.

Ele reparou nas manchas lilás embaixo dos olhos castanho-dourados e não pôde deixar de sentir um pouco de culpa.

– Quando você dormiu pela última vez? – perguntou ele.

– Ah, eu estou bem. Comi a casca das batatas. Dizem que é lá que estão as vitaminas. E hoje é a colheita, então é praticamente feriado! – disse ela com alegria.

– Não na casa da Fabricia – disse ele. E em nenhum lugar, na verdade. O dia da colheita era terrível nos distritos, mas também não era bem uma comemoração na Capital. Como ele, a maioria das pessoas não tinha prazer em relembrar a guerra. Tigris passaria o dia fazendo tudo para a empregadora e seu grupo variado de convidados enquanto eles trocavam histórias morosas da provação que viveram durante o cerco e bebiam até cair. No dia seguinte, cuidar deles de ressaca seria pior.

– Pare de se preocupar. Aqui, é melhor você se apressar e comer! – Tigris serviu sopa numa tigela e a colocou na mesa.

Coriolanus olhou para o relógio, tomou a sopa sem ligar se queimava a boca e correu até o quarto com a camisa. Ele já tinha tomado banho e se barbeado, e a pele clara estava, felizmente, impecável naquele dia. A roupa que usava por baixo das vestes da escola e as meias pretas eram boas. Ele vestiu a calça, que era mais do que aceitável, e enfiou os pés em um par de botas de couro com cadarço. As botas estavam pequenas, mas ele conseguia aguentar. Em seguida, vestiu a camisa com cuidado, enfiou-a dentro da calça e se virou para o espelho. Ele não era tão alto quanto deveria ser. Assim como muitas pessoas da geração dele, a dieta pobre provavelmente comprometeu o seu crescimento. Mas ele era atleticamente magro, com excelente postura, e a camisa enfatizava os melhores aspectos do seu físico. Ele não ficava tão majestoso desde que era pequeno e sua avó desfilava pelas ruas com ele de terno de veludo roxo. Ele ajeitou os cachos louros enquanto sussurrava debochadamente para sua imagem:

– Coriolanus Snow, futuro presidente de Panem, eu o saúdo.

Por causa de Tigris, ele fez uma entrada grandiosa na sala, esticando os braços e girando em círculo para exibir a camisa.

Ela deu um gritinho de animação e aplaudiu.

– Você está maravilhoso! Tão lindo e elegante! Vem ver, Lady-Vó! – Esse era outro apelido criado pela pequena Tigris, que achava “vovó” e “vó” insuficientes para alguém tão imperial.

A avó deles apareceu, uma rosa recém-cortada aninhada com amor nas mãos trêmulas. Ela usava uma túnica comprida, preta e esvoaçante, do tipo que era popular antes da guerra, mas bem ultrapassada e risível agora, e um par de chinelinhos bordados com a ponta curva que já tinha sido parte de uma fantasia. Fios do cabelo fino e branco saíam por baixo de um turbante de veludo cor de ferrugem. Era o que restava de um guarda-roupa antes luxuoso; seus poucos itens decentes estavam reservados para quando havia visita ou para as raras idas à cidade.

– Aqui, aqui, garoto. Coloque isto. Tirada do meu jardim no telhado – ordenou ela.

Ele esticou a mão para pegar a rosa, mas um espinho furou a palma da mão dele. Sangue brotou da ferida e ele afastou a mão para que não manchasse a preciosa camisa. Sua avó pareceu perplexa.

– Eu só queria que você ficasse elegante – disse ela.

– Claro que queria, Lady-Vó – disse Tigris. – E ele vai ficar mesmo.

Enquanto ela levava Coriolanus para a cozinha, ele lembrou que o autocontrole era uma habilidade essencial e que devia ficar agradecido porque a avó lhe oferecia oportunidades diárias de praticá-lo.

– Ferimentos de perfuração não sangram por muito tempo – prometeu Tigris enquanto limpava e fazia um curativo na mão dele. Ela cortou a rosa, preservou um pouco do caule verde e a prendeu à camisa. – Fica mesmo elegante. Você sabe o que as rosas significam pra ela. Agradeça.

Ele agradeceu. Agradeceu às duas e foi até a porta, desceu os doze lances decorados de escadas, passou pelo saguão e saiu para a Capital.

A porta da frente dava para a Corso, uma avenida tão larga que oito carruagens passavam lado a lado com conforto no passado, quando a Capital exibia sua pompa militar para o povo. Coriolanus se lembrava de ficar nas janelas do apartamento quando era criança, com convidados se gabando que tinham assentos privilegiados para os desfiles. Mas aí os bombardeiros chegaram, e por muito tempo aquele quarteirão ficou intransponível. Agora, apesar de as ruas estarem finalmente livres, ainda havia pilhas de escombros nas calçadas, e prédios inteiros estavam tão danificados quanto no dia em que foram atingidos. Dez anos depois da vitória e ele estava desviando de pedaços de mármore e granito para seguir para a Academia. Às vezes, Coriolanus se perguntava se os detritos foram deixados para lembrar aos cidadãos o que eles haviam aguentado. As pessoas tinham memória curta. Elas precisavam andar em volta dos destroços, pegar cupons de racionamento de alimentação e assistir aos Jogos Vorazes para que a guerra permanecesse viva na mente. Esquecer podia levar à complacência, e aí todos estariam de volta à estaca zero.

Quando entrou na via Scholars, ele tentou controlar o passo. Queria chegar na hora, mas

tranquilo e composto, não todo suado. Aquele dia da colheita, como a maioria, parecia que seria quente. Mas o que mais podia se esperar para um 4 de julho? Ele ficou grato pelo perfume da rosa da avó, pois a camisa quente estava exalando um leve aroma de batatas e calêndulas mortas.

Como a melhor escola secundária da Capital, a Academia educava os filhos dos conhecidos, dos ricos e dos influentes. Com mais de quatrocentos alunos em cada turma, foi possível para Tigris e Coriolanus, considerando a longa história da família na escola, serem aceitos sem grande dificuldade. Diferentemente da Universidade, era gratuita e oferecia almoço e material escolar, além dos uniformes. Qualquer um que tivesse nome estudava na Academia, e Coriolanus precisaria daquelas conexões como base para seu futuro.

A grande escadaria que levava à Academia podia receber todo o corpo estudantil e acomodava facilmente o fluxo de oficiais, professores e alunos indo para as festividades do dia da colheita. Coriolanus subiu devagar, tentando agir com dignidade casual caso alguém olhasse para ele. As pessoas o conheciam, ou pelo menos conheceram seus pais e avós, e havia um certo padrão esperado de um Snow. Naquele ano, a começar por aquele dia, ele esperava alcançar reconhecimento pessoal também. Ser mentor nos Jogos Vorazes era seu projeto final antes de se formar na Academia no verão. Se sua performance como mentor impressionasse, com seu registro acadêmico excelente, Coriolanus poderia ganhar um prêmio monetário substancial que daria para pagar a Universidade.

Haveria vinte e quatro tributos, um garoto e uma garota de cada um dos doze distritos derrotados, sorteados para serem jogados em uma arena e lutarem até a morte nos Jogos Vorazes. Estava descrito no Tratado da Traição que encerrou os Dias Escuros da rebelião dos distritos, uma das muitas punições dadas aos rebeldes. Como no passado, os tributos seriam colocados na Arena da Capital, um anfiteatro agora em ruínas que tinha sido usado para eventos de esporte e entretenimento antes da guerra, junto com algumas armas para que matassem uns aos outros. A Capital encorajava que as pessoas assistissem, mas muita gente evitava. O desafio era tornar o evento mais atraente.

Por causa disso, pela primeira vez os tributos teriam mentores. Vinte e quatro dos formandos mais inteligentes e de melhor desempenho da Academia tinham sido selecionados para a tarefa. Os detalhes envolvidos ainda estavam sendo discutidos. Falava-se de treinar cada tributo para uma entrevista pessoal, talvez alguma preparação para as câmeras. Todos concordavam que se os Jogos Vorazes fossem continuar, precisariam envolver uma experiência mais significativa, e a união dos jovens da Capital com os tributos dos distritos deixou as pessoas intrigadas.

Coriolanus passou por uma entrada decorada com faixas pretas, desceu por uma passagem abobadada e entrou no gigantesco Heavensbee Hall, onde eles assistiriam à transmissão da cerimônia da colheita. Ele não estava atrasado, mas o salão já estava vibrando com a presença de professores e alunos e outros vários envolvidos nos Jogos que não eram necessários na transmissão do dia inicial.

Havia Avoxes percorrendo a multidão carregando bandejas de posca, uma mistura de vinho aguado com mel e ervas. Era uma versão embriagante da bebida azeda que sustentou a Capital na guerra, supostamente protegendo contra doenças. Coriolanus pegou um cálice e passou um pouco de posca pela boca, na esperança de enxaguar qualquer resquício de bafo de repolho. Mas

ele só se permitiu um gole. Era mais forte do que a maioria das pessoas achava, e em anos anteriores ele viu gente de classe alta passar vergonha por se embriagar.

O mundo ainda achava que Coriolanus era rico, mas sua única moeda real era o charme, que ele distribuía generosamente enquanto andava pela multidão. Rostos se iluminavam quando ele cumprimentava com simpatia os alunos e professores, perguntava por familiares e fazia elogios aqui e ali.

– Sua aula sobre as retaliações dos distritos ainda me assombra.

– Amei a franja!

– Como foi a cirurgia de coluna da sua mãe? Diga a ela que ela é minha heroína.

Ele passou pelas centenas de cadeiras acolchoadas colocadas para a ocasião na plataforma, onde Satyria estava brindando uma mistura de professores da Academia e representantes dos Jogos com alguma história louca. Apesar de só ter ouvido a última frase (“Bem, eu falei ‘Sinto muito pela sua peruca, mas foi você que insistiu em trazer um macaco!’”), ele se juntou obedientemente às gargalhadas que vieram em seguida.

– Ah, Coriolanus – disse Satyria enquanto acenava para ele se aproximar. – Este é meu melhor pupilo. – Ele deu o esperado beijo na bochecha dela e registrou que a mulher já estava vários copos de posca à frente dele. Ela precisava controlar a bebida, embora a mesma coisa pudesse ser dita de metade dos adultos que ele conhecia. A automedicação era uma epidemia na cidade. Ainda assim, ela era divertida e não severa demais, uma dentre poucos professores que permitiam que os alunos chamassem pelo primeiro nome. Ela se afastou ligeiramente e o observou. – Linda camisa. Onde você conseguiu uma peça assim?

Ele olhou para a camisa como se estivesse surpreso por sua existência e deu de ombros, como um jovem que tem opções infinitas.

– Os Snow têm armários grandes – disse ele distraidamente. – Eu queria um visual respeitoso, mas também comemorativo.

– E conseguiu. O que são esses botões exóticos? – perguntou Satyria, mexendo em um dos cubos no punho. – Têsseras?

– São? Bom, isso explica por que me lembram do banheiro da empregada – respondeu Coriolanus, arrancando uma risada dos amigos dela. Era essa impressão que ele lutava para manter. Um lembrete de que ele era uma das raras pessoas que tinham um banheiro de empregada, ainda mais com piso com a padronagem de têsstras, temperado por uma piada autodepreciativa sobre a camisa.

Ele assentiu para Satyria.

– Lindo vestido. É novo, não é? – Ele percebeu só por um olhar que era o mesmo vestido que ela sempre usava na cerimônia da colheita, reformado com tufo de penas pretas. Mas ela validou a camisa dele, e ele precisava retribuir o favor.

– Mandei fazer especialmente para hoje – respondeu ela, aceitando a pergunta. – É o décimo aniversário, afinal.

– Elegante – disse ele. De um modo geral, eles não eram uma equipe ruim.

O prazer dele sumiu quando viu Agrippina Sickle, professora de Educação Física, usando os ombros musculosos para abrir caminho na multidão. Atrás dela estava seu monitor, Sejanus

Plinth, que carregava o escudo ornamental que a professora Sickle insistia em segurar na foto de turma de cada ano. Fora dado a ela no final da guerra por supervisionar com sucesso os exercícios de segurança durante os bombardeios.

Não foi o escudo que chamou a atenção de Coriolanus, mas o traje de Sejanus, um terno macio cor de carvão com uma camisa branca ofuscante contrabalançada por uma gravata estampada, feita para acrescentar fluidez ao corpo alto e anguloso. O conjunto tinha estilo, ar de novo e cheiro de dinheiro. Lucro de guerra, para ser mais preciso. O pai de Sejanus era um fabricante do Distrito 2 que ficara do lado do presidente. Ele fez uma fortuna tão grande com munições que conseguiu comprar a entrada da sua família para a vida na Capital. Os Plinth agora tinham privilégios que as famílias mais antigas e poderosas só conquistaram ao longo de gerações. Era inédito que Sejanus, um garoto nascido em um distrito, fosse aluno da Academia, mas a doação generosa do pai dele permitiu a reconstrução de boa parte da escola no pós-guerra. Um cidadão nascido na Capital esperaria que um prédio fosse batizado em sua homenagem. O pai de Sejanus só pediu estudo para o filho.

Para Coriolanus, os Plinth e gente como eles eram uma ameaça a tudo que ele amava. Os novos ricos da Capital estavam destruindo a antiga ordem com sua mera presença. Era particularmente irritante porque boa parte da fortuna da família Snow também foi investida em munições... mas no Distrito 13. Seu complexo enorme, quarteirões e mais quarteirões de fábricas e unidades de pesquisa, bombardeado até virar pó. O Distrito 13 sofreu um ataque nuclear e toda a área ainda emitia níveis de radiação que impediam que se vivesse lá. O centro da manufatura militar da Capital mudou para o Distrito 2 e caiu no colo dos Plinth. Quando a notícia da destruição do Distrito 13 chegou à Capital, a avó de Coriolanus tratou a situação publicamente com indiferença, dizendo que era sorte eles terem tantos outros bens. Mas eles não tinham.

Sejanus chegara no parquinho da escola dez anos antes, um garoto tímido e sensível observando com cautela as outras crianças com um par de olhos castanhos sofridos e grandes demais para o rosto tenso. Quando a notícia de que ele tinha vindo de um distrito se espalhou, o primeiro impulso de Coriolanus foi se juntar à campanha dos colegas para tornar a vida do garoto novo um inferno. Mas, pensando melhor, ele o ignorou. Se as outras crianças da Capital entenderam isso como significado de que o pestinha do distrito estava abaixo dele, Sejanus interpretou como decência. Nenhuma interpretação era a correta, mas ambas reforçavam a imagem de Coriolanus como um sujeito de classe.

Uma mulher de grande estatura, a professora Sickle foi até o círculo de Satyria, espalhando seus inferiores por todo lado.

– Bom dia, professora Click.

– Ah, Agrippina, que bom. Você se lembrou do escudo – disse Satyria, aceitando um aperto de mão firme. – Temo que os jovens de hoje se esqueçam do verdadeiro significado do dia. E, Sejanus. Como você está elegante.

Sejanus ensaiou uma reverência e uma mecha de cabelo caiu em seus olhos. O escudo pesado bateu no peito dele.

– Elegante demais – disse a professora Sickle. – Falei pra ele que, se eu quisesse um pavão,

ligava para a loja de animais. Todos deviam estar de uniforme. – Ela olhou para Coriolanus. – Até que isso aí não está horrível. É a camisa velha do uniforme formal seu pai?

Era? Coriolanus não tinha ideia. Uma lembrança vaga do seu pai com um terno lindo carregado de medalhas passou pela cabeça dele. Ele decidiu aproveitar a deixa.

– Obrigado por reparar, professora. Mande reformar para que não parecesse que eu tinha estado em combate. Mas eu o queria aqui comigo hoje.

– Muito adequado – disse a professora Sickle. Em seguida, ela voltou a atenção para Satyria e despejou suas opiniões sobre o último envio de Pacificadores, os soldados da nação, para o Distrito 12, onde os mineiros não estavam conseguindo produzir suas cotas.

Com as professoras conversando, Coriolanus indicou o escudo.

– Está malhando esta manhã?

Sejanus abriu um sorriso irônico.

– É sempre uma honra ser útil.

– O trabalho de polimento está excelente – respondeu Coriolanus. Sejanus ficou tenso com a sugestão de que ele era o quê, um puxa-saco? Bajulador? Coriolanus deixou que a tensão se desenvolvesse mais um pouco para dissolvê-la. – Sei bem como é. Eu cuido de todos os cálices de vinho de Satyria.

Sejanus relaxou ao ouvir isso.

– É mesmo?

– Na verdade, não. Mas só porque ela ainda não pensou nisso – disse Coriolanus, variando entre o desdém e a camaradagem.

– A professora Sickle pensa em tudo. Ela nem hesita em me chamar, dia ou noite. – Sejanus pareceu que talvez fosse continuar falando, mas só suspirou. – E, claro, agora que vou me formar, vamos nos mudar pra perto da escola. Momento perfeito, como sempre.

Coriolanus ficou cauteloso de repente.

– Pra onde?

– Algum lugar na Corso. Muitas daquelas casas enormes vão ficar à venda em breve. Os donos não estão podendo pagar os impostos ou algo assim, meu pai disse. – O escudo roçou no chão e Sejanus o levantou.

– Não há impostos para propriedades na Capital. Só nos distritos – disse Coriolanus.

– É uma lei nova – contou Sejanus. – Pra conseguir dinheiro pra reconstruir a cidade.

Coriolanus tentou esconder o pânico que cresceu dentro dele. Uma nova lei. Cobrança de imposto pelo apartamento. De quanto? No momento, eles mal conseguiam sobreviver com a ninharia de Tigris, a pequena pensão militar que sua avó recebia pelo serviço do marido a Panem e os benefícios dele de dependente sendo filho de um herói de guerra morto, que acabariam com a formatura. Se não pudessem pagar os impostos, acabariam perdendo o apartamento? Era tudo o que tinham. Vender o local não ajudaria; ele sabia que sua avó tinha feito empréstimos com cada centavo da propriedade. Se eles vendessem, não sobraria nada. Eles teriam que se mudar para algum bairro obscuro e entrar para a lista imunda de cidadãos comuns, sem status, sem influência, sem dignidade. A desgraça mataria sua avó. Seria mais gentil jogá-la pela janela da cobertura. Pelo menos seria rápido.

– Você está bem? – Sejanus o observou, intrigado. – Você ficou branco como papel.

Coriolanus recuperou a compostura.

– Acho que foi a posca. Deixou meu estômago meio embrulhado.

– É – concordou Sejanus. – Mãezinha sempre me fazia tomar durante a guerra.

Mãezinha? A moradia de Coriolanus seria usurpada por uma pessoa que chamava a mãe de “Mãezinha”? O repolho e a posca ameaçaram reaparecer. Ele respirou fundo e forçou o estômago a segurar, mais ressentido de Sejanus do que quando o bem-alimentado garoto do distrito com o sotaque grosseiro se aproximou dele pela primeira vez, segurando um saco de jujubas.

Coriolanus ouviu um sino tocar e viu seus colegas estudantes convergindo para a frente da plataforma.

– Acho que está na hora de designar tributos a nós – disse Sejanus com voz sombria.

Coriolanus o seguiu até uma seção especial de cadeiras, de seis fileiras por quatro, que tinha sido montada para os mentores. Ele tentou afastar a crise do apartamento da cabeça, concentrarse na tarefa crucial à frente. Mais do que nunca, era essencial se destacar, e, para se destacar, ele tinha que ser designado para um tributo competitivo.

O reitor Casca Highbottom, o homem creditado pela criação dos Jogos Vorazes, estava supervisionando o programa de mentoria pessoalmente. Ele se apresentou aos alunos com a energia de um sonâmbulo, com olhar vidrado e, como sempre, dopado com morfínico. Seu físico, antes ótimo, encolhera e agora exibia a pele flácida. A precisão de um corte de cabelo recente e o terno engomado só serviu para arrefecer um pouco o estado deplorável. Por causa de sua fama como inventor dos Jogos, ele ainda mantinha a posição por um triz, mas havia boatos de que o Conselho da Academia estava perdendo a paciência.

– E aí – disse ele, balançando um pedaço de papel amassado acima da cabeça. – Vou ler as coisas agora. – Os alunos fizeram silêncio, se esforçando para ouvi-lo na agitação do salão. – Vou ler um nome e quem vai ficar com ele. Está bom? Está ótimo. Distrito 1, garoto, vai para...

– O reitor Highbottom apertou os olhos para o papel num esforço de se concentrar. – Meus óculos – murmurou ele. – Esqueci. – Todo mundo olhou para os óculos, já na ponta do nariz, e esperou que os dedos os encontrassem. – Ah, pronto. Livia Cardew.

O rostinho pontudo de Livia se abriu num sorriso e ela deu um soco de vitória no ar, gritando “Viva!” com a voz aguda. Ela sempre gostara de se gabar. Como se a atribuição fosse resultado de puro merecimento e não tivesse nada a ver com o fato de que sua mãe fosse gerente do maior banco da Capital.

Coriolanus sentiu um desespero crescente conforme o reitor Highbottom foi percorrendo a lista, designando um mentor para cada garoto e garota de distrito. Depois de dez anos, um padrão tinha surgido. Os distritos mais bem alimentados e mais amigos da Capital, o 1 e o 2, produziam mais vitoriosos, os tributos da pesca e da agricultura do 4 e do 11 também sendo bons concorrentes. Coriolanus esperava pegar alguém do 1 ou do 2, mas nenhum deles foi designado para ele, o que se tornou ainda mais insultante quando Sejanus levou o garoto do Distrito 2. O Distrito 4 passou sem seu nome ser mencionado, e sua última chance real de alguém vitorioso, o garoto do Distrito 11, foi designado para Clemensia Dovecote, filha do secretário de energias. Diferentemente de Livia, Clemensia recebeu a notícia de sua sorte com tato, jogando o cabelo

preto para trás do ombro enquanto anotava com concentração o tributo no fichário.

Havia algo errado quando um Snow, que por acaso também era um dos melhores alunos da Academia, passava sem reconhecimento. Coriolanus estava começando a pensar que tinha sido esquecido (será que lhe dariam uma posição especial?) quando, para seu horror, ele ouviu o reitor Highbottom murmurar:

– E finalmente, mas não menos importante, a garota do Distrito 12... ela pertence a Coriolanus Snow.



A garota do Distrito 12? Poderia haver maior tapa na cara? O Distrito 12, o menor distrito, o distrito piada, com adolescentes atrofiados de juntas inchadas que sempre morriam nos primeiros cinco minutos, e não só isso... mas a garota? Não que uma garota não pudesse vencer, mas na cabeça dele os Jogos Vorazes eram mais sobre força bruta, e as garotas eram naturalmente menores do que os garotos, portanto, estavam em desvantagem. Coriolanus nunca tinha sido um dos favoritos do reitor Casca Highbottom, que ele chamava de brincadeira de Chapa Highbottom entre os amigos, mas não esperava uma humilhação pública daquela. Teria o apelido chegado a ele? Ou era só reconhecimento de que, na nova ordem mundial, os Snow estavam caindo na insignificância?

Ele sentiu o sangue quente nas bochechas enquanto tentava permanecer composto. A maioria dos outros alunos tinha se levantado e estava conversando. Ele devia se juntar a eles, fingir que não havia nada de mais, mas parecia incapaz de se mover. O máximo que ele conseguiu foi virar a cabeça para a direita, onde Sejanus ainda estava sentado ao lado dele. Coriolanus abriu a boca para parabenizá-lo, mas parou ao ver a infelicidade mal disfarçada no rosto do outro garoto.

– O que foi? – perguntou ele. – Você não está feliz? O Distrito 2, o garoto... é o que há de mais robusto na ninhada.

– Você esqueceu. Sou parte da ninhada – disse Sejanus com voz rouca.

Coriolanus parou para refletir. Então dez anos de Capital e a vida privilegiada que a cidade oferecia foram desperdiçados em Sejanus. Ele ainda se via como cidadão de distrito. Besteira sentimental.

Sejanus franziu a testa com consternação.

– Tenho certeza de que meu pai pediu. Ele está sempre tentando fazer a minha cabeça.

Sem dúvida, pensou Coriolanus. Os bolsos fundos e a influência do velho Strabo Plinth eram respeitados mesmo que a sua linhagem não fosse. E embora as mentorias devessem ser baseadas em mérito, alguns pauzinhos tinham sido mexidos.

A plateia havia se acomodado em cadeiras agora. No fundo da plataforma, as cortinas se abriram e revelaram uma tela do chão ao teto. A colheita era exibida ao vivo de cada distrito, indo da costa leste para a oeste, e transmitida por todo o país. Isso queria dizer que o Distrito 12 daria início ao dia. Todos se ergueram quando a insígnia de Panem ocupou a tela, acompanhada do hino da Capital.

*Cidade majestosa,
Com o passar dos anos, você brilha mais.*

Alguns dos alunos tiveram dificuldade com a letra, mas Coriolanus, que ouvia a avó cantá-la diariamente havia anos, cantou os três versos em voz alta, ganhando alguns acenos de aprovação. Era patético, mas ele precisava de toda aprovação que pudesse obter.

A insígnia se dissolveu e o presidente Ravinstill apareceu, o cabelo com mechas grisalhas, vestindo o uniforme militar pré-guerra para lembrar que ele já controlava os distritos bem antes dos Dias Escuros da rebelião. Ele recitou uma breve passagem do Tratado da Traição, que declarava os Jogos Vorazes como reparação de guerra, vidas jovens dos distritos tiradas pelas vidas jovens da Capital que foram perdidas. O preço da traição dos rebeldes.

Os Idealizadores dos Jogos cortaram a imagem para a praça sombria do Distrito 12, onde um palco temporário, agora ocupado por Pacificadores, tinha sido montado na frente do Edifício da Justiça. O prefeito Lipp, um homem sardento com um terno terrivelmente ultrapassado, estava entre dois sacos de aniagem. Ele enfiou a mão fundo no saco à esquerda, tirou um pedaço de papel e nem olhou direito.

– A garota que vai ser tributo do Distrito 12 é Lucy Gray Baird – disse ele no microfone. A câmera virou para a multidão de rostos cinzentos e famintos com roupas cinzentas e amorfas, procurando o tributo. A câmera fechou numa agitação, garotas se afastando da infeliz escolhida.

A plateia soltou um murmúrio surpreso ao vê-la.

Lucy Gray Baird estava ereta com um vestido feito de babados da cor do arco-íris, agora puído, mas que já tinha sido elegante. O cabelo escuro e cacheado estava preso no alto e entremeado por flores selvagens. A imagem colorida atraía atenção, assim como uma borboleta maltratada em um campo de mariposas. Ela não foi direto para o palco, mas começou a andar entre as meninas para a direita.

Aconteceu rápido. Ela enfiou a mão nos babados do quadril, uma coisa verde foi transportada do bolso para dentro da gola da blusa de uma ruiva com expressão debochada, a saia balançando conforme ela andava. O foco ficou na vítima, o sorrisinho mudando para uma expressão de horror, os gritos quando ela caiu no chão, batendo nas roupas, os berros do prefeito. E, ao fundo, a agressora ainda andando, ainda deslizando a caminho do palco, sem olhar para trás uma vez sequer.

Heavensbee Hall ganhou vida com as pessoas cutucando seus vizinhos.

– *Viu aquilo?*

– *O que ela jogou dentro do vestido da outra?*

– *Um lagarto?*

– *Eu vi uma serpente!*

– *Ela a matou?*

Coriolanus observou as pessoas ao redor e teve uma fagulha de esperança. Seu tributo improvável, o desperdício do seu talento, seu insulto, tinha capturado a atenção da Capital. Isso era bom, não era? Com sua ajuda, talvez ela pudesse sustentar essa atenção, e ele talvez pudesse transformar a desgraça em uma exibição respeitável. De qualquer modo, os destinos deles

estavam irrevogavelmente ligados.

Na tela, o prefeito Lipp desceu a escada do palco correndo, abrindo caminho entre as garotas reunidas para chegar à caída no chão.

– Mayfair? Mayfair? – gritou ele. – Minha filha precisa de ajuda!

Um círculo tinha se formado em volta dela, mas as poucas tentativas desanimadas de ajudá-la foram bloqueadas pelos membros em convulsão da garota. O prefeito entrou na clareira na hora que uma serpente pequena e verde iridescente saiu das dobras do vestido e foi na direção da multidão, gerando gritos e uma agitação para fugir dela. O afastamento da serpente acalmou Mayfair, mas a consternação foi substituída na mesma hora por constrangimento. Ela olhou direto para a câmera ao se dar conta de que todos os cidadãos de Panem estavam olhando. Uma das mãos tentou ajeitar um laço que entortara no cabelo dela, a outra foi direto para a roupa, imunda com o onipresente pó de carvão e rasgada após sua reação. Quando o pai a ajudou a se levantar, ficou evidente que ela tinha se urinado. Ele tirou o paletó para enrolar nela e a entregou à escolta de um Pacificador. O prefeito voltou para o palco e grudou um olhar assassino para o mais novo tributo do Distrito 12.

Enquanto Coriolanus via Lucy Gray Baird subir ao palco, ele sentiu uma pontada de inquietação. Seria ela mentalmente instável? Havia algo vagamente familiar e perturbador nela. As fileiras de rosa-framboesa, azul-royal e amarelo-narciso nos babados...

– Ela parece uma artista de circo – comentou uma das garotas. Os outros mentores fizeram sons de concordância.

Era isso. Coriolanus procurou na memória os circos de sua infância. Malabaristas e acrobatas, palhaços e garotas dançando com vestidos armados, girando enquanto seu cérebro vibrava com a euforia do açúcar do algodão-doce. O fato de seu tributo ter escolhido um traje tão festivo para o evento mais sombrio do ano demonstrava uma estranheza que ia além de um simples julgamento.

O tempo designado para a colheita do Distrito 12 já tinha passado, sem dúvida, mas ainda faltava o tributo masculino. Mesmo assim, quando o prefeito Lipp voltou ao palco, ele ignorou os sacos com os nomes, foi direto até a garota tributo e bateu na cara dela com tanta força que ela caiu de joelhos. Ele tinha levantado a mão para bater de novo quando dois Pacificadores intervieram, segurando os braços dele e tentando redirecioná-lo ao que precisava ser feito. Como ele resistiu, eles o arrastaram até o Edifício da Justiça, fazendo com que o processo todo fosse interrompido.

A atenção se voltou para a garota no palco. Quando a câmera focou nela, Coriolanus não se tranquilizou em relação à sanidade de Lucy Gray Baird. Ele não fazia ideia de onde ela tinha conseguido maquiagem, pois mal começava a ficar acessível novamente na Capital, mas os olhos dela estavam com sombra azul e delineados de preto, as bochechas rosadas e os lábios pintados de um vermelho meio oleoso. Na Capital, teria sido ousadia. No Distrito 12, parecia excessivo. Era impossível afastar o olhar dela, passando a mão pela saia, ajeitando compulsivamente os babados. Só depois de garantir que estavam arrumados foi que ela levantou a mão para tocar na marca que tinha na bochecha. O lábio inferior tremia de leve e os olhos brilhavam com lágrimas que ameaçavam cair.

– Não chore – sussurrou Coriolanus. Ele percebeu e olhou ao redor com nervosismo, mas

encontrou os outros alunos paralisados. Seus rostos exibiam preocupação. Ela tinha ganhado a solidariedade deles, apesar da estranheza. Eles não tinham ideia de quem ela era e nem por que tinha atacado Mayfair, mas quem não conseguia ver que a coisinha debochada era maldosa e que o pai dela era um bruto que batera numa garota que tinha acabado de sentenciar à morte?

– Aposto que o sorteio foi alterado – disse Sejanus baixinho. – Não era o nome dela naquele papel.

Na hora que a garota ia perder a batalha contra as lágrimas, uma coisa estranha aconteceu. De algum lugar na multidão, uma voz começou a cantar. Uma voz jovem, que podia pertencer a um menino ou a uma menina, mas com um tom tal que se espalhou pela praça silenciosa.

*Você não tira meu passado.
Não tira minha história.*

Um sopro de vento chegou ao palco, e a garota levantou a cabeça lentamente. Em algum lugar na plateia, uma voz mais grave, distintamente masculina, cantou:

*Pode ter tirado meu pai,
Mas o nome dele está na memória.*

A sombra de um sorriso surgiu nos lábios de Lucy Gray Baird. Ela se levantou de repente, foi até o centro do palco, pegou o microfone e cantou:

*Nada que você possa tirar de mim merecia
ser guardado.*

Ela enfiou a mão livre nos babados da saia, empurrou tudo para o lado, e tudo começou a fazer sentido: a fantasia, a maquiagem, o cabelo. Fosse ela quem fosse, tinha se vestido para uma apresentação. Tinha uma bela voz, forte e clara nas notas altas, rouca e intensa nas baixas, e se movia com segurança.

*Você não tira meu charme.
Não tira meu humor.
Não tira minha riqueza,
Porque isso é só rumor.
Nada que você possa tirar de mim merecia
ser guardado.*

Cantar a transformou, e Coriolanus não a achou mais desconcertante. Havia algo de empolgante e até de atraente nela. A câmera a envolveu quando ela foi até a frente do palco e se inclinou na direção da plateia, doce e insolente.

Se acha muito melhor.

*Acha que é superior.
Acha que pode ser opressivo.
Acha que pode me mudar, talvez transformar.
Repense o objetivo,
Porque...*

E ela começou a andar, a desfilar pelo palco, passando pelos Pacificadores, alguns com dificuldade de segurar o sorriso. Ninguém se mexeu para fazê-la parar.

*Você não tira minha audácia.
Não me impede de falar.
Pode usar suas falácias
E tomar naquele lugar.
Nada que você possa tirar de mim merecia
ser guardado.*

As portas do Edifício da Justiça se abriram e os Pacificadores que tinham levado o prefeito voltaram para o palco. A garota estava virada para a frente, mas deu para perceber quando ela registou a chegada deles. Ela foi para o outro lado do palco para o grande final.

*Não, senhor,
Nada que você possa tirar de mim vale lamentar.
Pode pegar, eu dou de graça. Não vai machucar.
Nada que você possa tirar de mim merecia ser
guardado!*

Ela conseguiu jogar um beijo antes que a alcançassem.

– Meus amigos me chamam de Lucy Gray. Espero que vocês façam o mesmo! – gritou ela. Um dos Pacificadores tirou o microfone da mão dela enquanto o outro a pegava no colo e carregava para o meio do palco. Ela acenou como se estivesse sendo aplaudida e não sendo recebida por um silêncio mortal.

Por alguns momentos, todos em Heavensbee Hall também ficaram em silêncio. Coriolanus se questionou se, como ele, os outros estavam torcendo para que ela continuasse cantando. De repente, todos começaram a falar, primeiro sobre a garota, depois sobre quem teve a sorte de ficar com ela. Os outros alunos estavam virando a cabeça em sua direção, alguns fazendo sinal de positivo, outros lançando olhares ressentidos. Ele balançou a cabeça com incompreensão, mas por dentro estava vibrando. Snow cai como a neve, sempre por cima de tudo.

Os Pacificadores levaram o prefeito de volta e se colocaram de ambos os lados dele para evitar mais conflitos. Lucy Gray ignorou o seu retorno depois de, ao que parecia, ter recuperado a pose cantando. O prefeito olhou com raiva para a câmera enquanto enfiava a mão no segundo saco e tirava vários pedaços de papel. Alguns caíram no palco e ele leu o que restou.

– O garoto do Distrito 12 é Jessup Diggs.

Os adolescentes na praça se moveram e abriram caminho para Jessup, um garoto com uma franja preta grudada na testa proeminente. No que dizia respeito aos tributos do Distrito 12, ele era um ótimo exemplar, maior do que a maioria e de aparência forte. A sujeira dava a entender que ele já trabalhava nas minas. Uma tentativa pífia de se lavar tinha revelado uma forma oval relativamente limpa no meio da cara dele, mas imundice escura circundava o restante de seu rosto, e havia pó de carvão em suas unhas. Desajeitado, ele subiu a escada e assumiu seu lugar. Quando se aproximou do prefeito, Lucy Gray se adiantou e esticou a mão. O garoto hesitou, mas retribuiu o gesto e aceitou a dela. Lucy Gray passou pela frente dele, trocou a mão direita pela esquerda, e eles ficaram lado a lado, de mãos dadas, quando ela fez uma reverência profunda, levando o garoto a se curvar. Uma onda de aplauso e um único grito soaram na multidão do Distrito 12 antes dos Pacificadores se aproximarem e a transmissão da colheita cortar para o Distrito 8.

Coriolanus agiu como se estivesse atento à transmissão conforme foram sorteando os tributos do 8, do 6 e do 11, mas seu cérebro estava girando com as repercussões de ele ter ficado com Lucy Gray Baird. Ela era um presente, ele sabia, e devia tratá-la como tal. Mas como explorar melhor aquela entrada impressionante? Como arrancar sucesso de um vestido, uma serpente, uma música? Os tributos ganhariam um tempo curto e precioso com os espectadores antes dos Jogos começarem. Como ele poderia fazer que as pessoas investissem nela e, por extensão, nele, só com uma entrevista? Ele registrou sem muita atenção os demais tributos, a maioria criaturas dignas de pena, e registrou os mais fortes. Sejanus ficou com um sujeito enorme do Distrito 2, e o garoto de Livia do Distrito 1 tinha jeito de ser um competidor difícil. A garota de Coriolanus parecia saudável, mas o corpo magro era mais adequado à dança do que ao combate direto. Mas ele tinha certeza de que ela era capaz de correr rápido e isso era importante.

Quando a colheita foi se encaminhando para o fim, o cheiro de comida do bufê se espalhou pela plateia. Pão quentinho. Cebola. Carne. Coriolanus não conseguiu impedir o estômago de roncar e arriscou alguns goles de posca para sossegá-lo. Sentia-se energizado, de cabeça leve e faminto. Depois que a tela ficou preta, ele precisou de toda disciplina do mundo para não sair correndo para o bufê.

A dança infinita com a fome definia sua vida. Não nos primeiros anos, antes da guerra, mas todos os dias depois foram uma batalha, uma negociação, um jogo. Qual era a melhor forma de afastar a fome? Comer toda a comida em uma refeição? Dividir ao longo do dia em pequenas porções? Engolir tudo rapidamente ou mastigar cada pedacinho até virar líquido? Era tudo um jogo mental para se distrair do fato de que nunca era suficiente. Ninguém nunca o deixava comer o suficiente.

Durante a guerra, os rebeldes controlaram os distritos que produziam alimentos. Ao tirar isso do controle da Capital, eles tentaram fazer com que a Capital se submetesse passando fome, usando a comida (ou a falta dela) como arma. Agora, a mesa tinha virado de novo, com a Capital controlando o fornecimento e indo além, girando a faca no coração dos distritos com os Jogos Vorazes. Em meio à violência dos Jogos, havia uma agonia silenciosa que todos em Panem tinham sentido, o desespero por sustento suficiente para aguentar até o próximo nascer do sol.

Esse desespero transformou cidadãos proeminentes da Capital em monstros. Pessoas que caíram mortas de fome nas ruas se tornaram parte de uma cadeia alimentar hedionda. Em uma noite de inverno, Coriolanus e Tigris saíram do apartamento para pegar umas caixas de madeira que eles tinham visto mais cedo no beco. No caminho, passaram por três corpos e reconheceram um como de uma jovem empregada que servia chá muito bem nas reuniões vespertinas dos Crane. Uma neve pesada e úmida começou a cair e eles acharam que as ruas estavam desertas, mas, no caminho de casa, uma figura encolhida os fez se esconderem correndo atrás de uma cerca-viva. Eles viram seu vizinho, Nero Price, um titã da indústria ferroviária, cortar uma perna da empregada, serrando-a com uma faca assustadora até o membro se soltar. Ele a embrulhou na saia que arrancou da cintura dela e saiu correndo pela rua lateral que levava à sua casa. Os primos nunca falaram daquilo, nem um com o outro, mas estava marcado na memória de Coriolanus. A selvageria que distorcia o rosto de Price, o tornozelo branco, o sapato preto velho na ponta do membro cortado e o horror absoluto de se dar conta de que ele também agora era visto como comestível.

Coriolanus creditou sua sobrevivência literal e moral à visão de vanguarda da avó no começo da guerra. Seus pais estavam mortos, Tigris também era órfã, e as duas crianças viviam com a avó. Os rebeldes vinham fazendo um progresso lento e firme até a Capital, embora a arrogância impedisse que essa realidade fosse amplamente reconhecida na cidade. A falta de comida exigia que até os ricos procurassem certos alimentos no mercado clandestino. Foi assim que Coriolanus se viu na porta dos fundos de uma casa noturna, outrora da moda, em um fim de tarde do final de outubro, segurando de um lado a alça de um carrinho de mão vermelho e, do outro, a mão enluvada da avó. Havia um toque gelado no ar que trazia um aviso ameaçador do inverno e um cobertor de nuvens cinzentas e sombrias no céu. Eles tinham ido ver Pluribus Bell, um homem idoso com óculos cor de limão e uma peruca branca empoada que ia até a cintura. Ele e seu companheiro, Cyrus, um músico, eram donos da casa noturna fechada e agora se sustentavam traficando bens pelo beco dos fundos. Os Snow tinham ido pegar uma caixa de leite enlatado, pois o fresco já havia desaparecido semanas antes, mas Pluribus disse que vendera tudo. O que tinha acabado de chegar eram caixas de feijão-manteiga desidratado, que estavam em uma pilha alta no palco espelhado atrás dele.

– Vão durar anos – prometeu Pluribus à avó dele. – Planejo separar uns vinte para uso pessoal.

A avó de Coriolanus riu.

– Que horror.

– Não, querida. Horror é o que acontece sem isso – disse Pluribus.

Ele não elaborou, mas a avó parou de rir. Ela lançou um olhar a Coriolanus e apertou a mão dele por um segundo. Pareceu involuntário, quase um espasmo. Ela olhou para as caixas e deu a impressão de estar decidindo algo.

– Quantas você pode ceder? – perguntou ela ao dono da casa noturna.

Coriolanus levou uma caixa para casa no carrinho, e as outras vinte e nove chegaram no meio da noite, pois estocar era tecnicamente ilegal. Cyrus e um amigo levaram as caixas escada acima e as empilharam no meio da sala luxuosamente mobiliada. No alto da pilha, colocaram uma

única lata de leite, com os cumprimentos de Pluribus, e deram boa-noite a todos. Coriolanus e Tigris ajudaram a avó a escondê-las em armários, em guarda-roupas chiques, até no velho relógio.

– Quem vai comer isso tudo? – perguntou ele. Naquela época, ainda havia bacon na vida dele, frango e um assado ocasional. O leite era raro, mas o queijo era abundante, e algum tipo de sobremesa era certo no jantar, mesmo que fosse só pão com geleia.

– Nós vamos comer um pouco. Talvez possamos trocar um pouco – disse sua avó. – Vão ser nosso segredo.

– Não gosto de feijão-manteiga. – Coriolanus fez beicinho. – Pelo menos, acho que não gosto.

– Bom, vamos pedir ao cozinheiro para encontrar uma boa receita – disse sua avó.

Mas o cozinheiro foi chamado para servir na guerra e morreu de gripe. E sua avó nem sabia ligar o fogão, menos ainda seguir uma receita. Ficou para Tigris, com oito anos, a tarefa de ferver o feijão até virar um caldo grosso, depois uma sopa, depois um caldo aguado, o que os sustentaria durante a guerra. Feijão-manteiga. Repolho. A provisão de pão. Eles viveram disso, um dia após o outro, por anos. Claro que atrapalhou o crescimento dele. Sem dúvida ele teria sido mais alto e com ombros mais largos se tivesse mais comida. Mas seu cérebro se desenvolveu direito; pelo menos, ele esperava que sim. Feijão, repolho, pão preto. Coriolanus passou a odiar isso tudo, mas foi o que o manteve vivo, sem humilhação e sem ter que canibalizar os corpos nas ruas.

Coriolanus engoliu a saliva que inundava sua boca ao esticar a mão para o prato com bordas douradas e o emblema da Academia. Nem nos piores dias a Capital abriu mão da louça chique, e ele comera muitas folhas de repolho em pratos caros em casa. Ele pegou um guardanapo de linho, um garfo, uma faca. Ao levantar a tampa da primeira travessa aquecida de prata, o vapor banhou seus lábios. Cebolas cremosas. Ele pegou uma colherada modesta e tentou não babar. Batatas cozidas. Abobrinha. Presunto assado. Pães quentes e um pouco de manteiga. Pensando bem, um pouco mais. O prato cheio, mas não desesperado. Não para um garoto adolescente.

Ele colocou o prato na mesa ao lado de Clemensia e foi pegar a sobremesa num carrinho, porque no ano anterior acabou rápido e ele ficou sem comer tapioca. Seu coração deu um pulinho quando ele viu fileiras de tortas, cada uma decorada com uma bandeira de papel com a insígnia de Panem. Torta! Qual tinha sido a última vez que ele comera uma? Estava pegando um pedaço médio quando alguém enfiou um prato com uma fatia enorme embaixo do nariz dele.

– Ah, pega um pedaço grande. Um garoto em fase de crescimento como você aguenta.

Os olhos do reitor Highbottom estavam úmidos, mas tinham perdido o olhar vidrado da manhã. Na verdade, estavam examinando Coriolanus com uma profundidade inesperada.

Ele pegou o prato de torta com um sorriso que esperava ser simpático e jovial.

– Obrigado, senhor. Sempre há espaço para torta.

– Sim, prazeres nunca são difíceis de acrescentar – disse o reitor. – Ninguém saberia melhor do que eu.

– Imagino que não, senhor. – Isso saiu meio errado. Ele pretendia concordar com a parte sobre prazeres, mas pareceu um comentário irônico sobre a personalidade do reitor.

– Você imagina que não. – Os olhos do reitor Highbottom se apertaram enquanto ele

continuava encarando Coriolanus. – E quais são seus planos, Coriolanus, depois dos Jogos?

– Eu pretendo ir para a Universidade – respondeu ele. Que pergunta estranha. Seu boletim acadêmico devia deixar aquilo claro.

– Sim, eu vi seu nome entre os concorrentes aos prêmios – disse o reitor Highbottom. – Mas e se você não ganhar um?

Coriolanus gaguejou:

– Bom, nós... nós pagaríamos pelos estudos, claro.

– Pagariam? – O reitor Highbottom riu. – Olha só pra você, com sua camisa improvisada e sapatos apertados, tentando manter as aparências. Andando todo altivo pela Capital, embora eu duvide que os Snow tenham sequer um penico. Mesmo com o prêmio, seria difícil, e você ainda não ganhou, não é? O que aconteceria com você, eu me pergunto? O quê?

Coriolanus não pôde evitar um olhar ao redor para ver quem mais tinha ouvido as palavras terríveis, mas a maioria das pessoas estava envolvida em conversas durante a refeição.

– Não se preocupe... ninguém sabe. Bom, quase ninguém. Aprecie a torta, garoto. – O reitor Highbottom saiu andando sem pegar um pedaço.

Coriolanus só queria largar a torta e fugir para a saída, mas botou a fatia enorme de volta no carrinho com cuidado. O apelido. Só podia ser porque o apelido tinha chegado ao reitor Highbottom, com Coriolanus levando o crédito. Foi burrice da parte dele. O reitor era uma pessoa poderosa demais, mesmo agora, para ser ridicularizado em público. Mas era mesmo uma coisa tão horrível? Todos os professores tinham pelo menos um apelido, muitos bem menos lisonjeiros. E o Chapa Highbottom não tinha se esforçado muito para esconder os vícios. Ele parecia convidar o desprezo. Poderia haver algum outro motivo para ele odiar tanto Coriolanus?

Seja lá o que fosse, Coriolanus precisava consertar. Ele não podia correr o risco de perder o prêmio por uma coisa assim. Depois da Universidade, planejava enveredar por alguma profissão lucrativa. Sem estudos, que portas se abririam para ele? Tentou imaginar seu futuro em uma posição humilde na cidade... fazendo o quê? Gerenciando a distribuição de carvão nos distritos? Limpando jaulas de aberrações genéticas no laboratório de bestantes? Recolhendo os impostos de Sejanus Plinth em seu apartamento palaciano na Corso enquanto ele mesmo morava em um buraco de rato a uns cinquenta quarteirões de lá? Isso se ele tivesse sorte! Era difícil conseguir emprego na Capital, e ele seria um formado pela Academia sem dinheiro, nada mais do que isso. Como viveria? Pegando empréstimos? Ter dívidas com a Capital era historicamente uma passagem para se tornar Pacificador, e isso vinha com um compromisso de vinte anos em sabe-se lá onde. Ele seria enviado para algum distrito distante horrível, onde as pessoas não passavam de animais.

O dia, que era tão promissor, desmoronou em volta dele. Primeiro, a ameaça de perder o apartamento, depois a atribuição ao tributo mais fraco (que, refletindo melhor, era definitivamente maluca) e agora a revelação de que o reitor Highbottom o detestava a ponto de acabar com as chances dele ao prêmio e o condenar a uma vida nos distritos!

Todo mundo sabia o que acontecia quando se ia para os distritos. Você era apagado. Esquecido. Aos olhos da Capital, estava basicamente morto.



Coriolanus estava na plataforma de trem vazia esperando a chegada do seu tributo, com uma rosa branca de caule longo equilibrada com cuidado entre o polegar e o indicador. Tinha sido ideia de Tigris levar um presente. Ela havia chegado em casa tarde na noite da colheita, mas ele esperou acordado para se consultar com ela, para contar sobre suas humilhações e medos. Tigris se recusou a deixar a conversa se encaminhar para o desespero. Coriolanus receberia um prêmio; tinha que receber! E teria uma carreira universitária brilhante. Quanto ao apartamento, eles precisavam descobrir os detalhes específicos primeiro. Talvez o imposto não os afetasse, ou, mesmo que afetasse, talvez não fosse tão rápido. Talvez pudessem angariar o suficiente para os impostos. Mas ele não devia pensar em nada daquilo. Só nos Jogos Vorazes e em como torná-los um sucesso.

Na festa da colheita de Fabricia, Tigris disse que todo mundo ficou louco por Lucy Gray Baird. O tributo dele tinha “ar de estrela”, os amigos dela declararam enquanto tomavam posca, embriagados. Os primos concordaram que ele precisava causar uma boa primeira impressão na garota para ela ficar disposta a trabalhar com ele. Ele devia tratá-la não como prisioneira condenada, mas como hóspede. Coriolanus decidiu recebê-la cedo na estação de trem. Daria vantagem a ele na tarefa, além de uma oportunidade de conquistar a confiança dela.

– Imagine como ela deve estar apavorada, Coryo – dissera Tigris. – Como deve se sentir sozinha. Se fosse eu, qualquer coisa que você fizesse que desse a entender que você gosta de mim seria ótimo. Não, mais do que isso. Que eu tenho valor. Leve alguma coisa pra ela, uma lembrancinha, que mostre que você a valoriza.

Coriolanus pensou nas rosas da avó, que ainda eram apreciadas na Capital. A velha senhora cuidava arduamente delas no jardim de telhado que acompanhava a cobertura, tanto na parte externa quanto em uma pequena estufa. Mas ela distribuía as rosas como se fossem diamantes, e ele precisou de muita persuasão para obter aquela belezinha. “Eu preciso me conectar com ela. Como você sempre diz, suas rosas abrem qualquer porta.” O fato de sua avó permitir foi testemunho do quanto ela estava preocupada com a situação deles.

Dois dias tinham se passado desde a colheita. A cidade continuava sofrendo com o calor opressivo, e apesar de ter acabado de amanhecer, a estação de trem começava a ferver. Coriolanus se sentiu exposto demais na plataforma ampla e deserta, mas não podia correr o risco de perder o trem. A única informação que conseguiu tirar do vizinho do andar de baixo, Remus Dolittle, um Idealizador dos Jogos em treinamento, era que chegaria na quarta-feira. Remus tinha

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "(Jogos Vorazes #0.5) A Cantiga dos Pás..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).